

Índice

Um	11
Dois	43
Três	73
Quatro	93
Cinco	109
Seis	133
Sete	153
Oito	173
Nove	195
Dez	215
Epílogo	241
Agradecimentos	249

Um

I

No inverno de 2012, apesar de saber que não devia, e por razões que não estavam inteiramente relacionadas com a escrita — por muito que eu tivesse dito que sim —, e que, mesmo agora, não compreendo muito bem, visitei o campo de Ohama, no Japão, onde em tempos o meu pai foi prisioneiro de guerra. Fazia imenso frio, estava um dia de gelar os ossos, e um céu plúmbeo projetava uma sombra agourenta sobre o Mar Interior debaixo do qual em tempos o meu pai tinha feito trabalho forçado numa mina de carvão.

Não restava nada.

Embora o dispensasse, fui levado a um museu local onde uma mulher muito prestável encontrou inúmeras fotografias que documentavam uma história detalhada da mina de carvão a partir de inícios do século xx — o seu desenvolvimento, o seu funcionamento, os seus trabalhadores japoneses.

Não havia uma única fotografia dos trabalhadores forçados.

A mulher era simpática e, como costuma dizer-se, *um poço de conhecimento* no que dizia respeito à história local. Nunca tinha ouvido falar em trabalhadores forçados na mina de carvão de Ohama. Era como se nunca tivesse acontecido, como se nunca ninguém tivesse sido espancado, ou morto, ou forçado a ficar todo nu à neve até morrer. Recordo o sorriso tolerante da mulher:

um sorriso de comiseração por eu estar convencido da existência de trabalhadores forçados na mina de carvão de Ohama.

2

Às vezes, pergunto-me por que razão insistimos em regressar aos começos — porque é que procuramos a ponta desse fio que podemos puxar para desfiar a tapeçaria a que chamamos vida, na esperança de encontrar a verdade do *porquê*.

Mas não há nenhuma verdade. Há apenas o *porquê*. E quando olhamos mais de perto, vemos que detrás desse *porquê* existe apenas mais uma tapeçaria.

E detrás dessa outra ainda, e outra, até chegarmos ao oblívio.

3

Às 08h15, no dia 6 de agosto de 1945, o oficial de artilharia Major Thomas Ferebee acionou uma alavanca a trinta e um mil pés de altitude, gritou «Largar bomba!» e, quarenta e três segundos depois, sessenta mil pessoas morreram, enquanto cerca de cento e trinta quilómetros a sul, o meu pai, um trabalhador forçado praticamente nu, no seu quarto ano de cativo como prisioneiro de guerra, levava a cabo a árdua tarefa de empurrar vagonetas cheias de pedras pelos longos e escuros túneis que se estendiam por baixo do Mar Interior.

De espírito vergado, doente, corpo e mente à beira do fim, ciente de que quando daí a uns meses regressasse o frio de inverno ele não iria aguentar e morreria, estava longe de imaginar que acabaria por sobreviver. Enquanto o meu pai percorria o lúgubre túnel da mina pontuado aqui e ali com lâmpadas de iluminação fraca, um prisioneiro tasmaniano comentou que aquilo lhe lembrava a sua terra natal de Penguin a uma sexta-feira à noite.

4

Na entrada da mina, onde em tempos o meu pai e os outros trabalhadores forçados tinham atravessado o corredor de guardas que os agrediam à sua passagem, havia agora um motel. Não se via nenhum memorial ou placa, em suma, nenhuma prova de que o que em tempos tinha acontecido tivesse realmente acontecido. Havia alguma sinalética em néon. Havia também um negócio de sexo rápido e oportunístico em quartos minúsculos que permitiam o alívio sexual e propositadamente pouco mais. O que restava, ou melhor, o que existia, era apenas o oblívio do prazer nos braços de outrem — esse oblívio que ao mesmo tempo antevê e nega a morte. Como se a necessidade de esquecer fosse tão forte como a necessidade de recordar. Talvez mais forte até.

E depois do oblívio? Regressamos às histórias a que chamamos as nossas memórias, perplexos, alheios à invenção contínua que é a nossa vida.

5

Ao meu lado, nesse dia gelado, estava um japonês idoso, o Sr. Sato. Era pequeno e frágil, impecavelmente vestido com um *blazer* desportivo e umas calças de fato demasiado compridas na bainha, devido, presumi eu, a ele ter encolhido com o passar dos anos. As suas mãos estavam calçadas com luvas de algodão brancas e finas, e quando apontou um elemento há muito desaparecido do campo e da mina lá em baixo, somente reparei na linha solta no cós da luva. Não me recordo dos seus sapatos.

A cabeça do Sr. Sato dava-me pelo peito. Morava com uma filha de quem cuidava e que, explicou-me o intérprete, era portadora de uma deficiência profunda. Em tempos, o Sr. Sato tinha sido guarda no Campo de Ohama. Mostrou-me onde costuma-

vam ser as casernas, a quinta no cimo do monte, a entrada da mina no sopé, mais perto do mar.

À nossa frente, para meu embaraço e fúria muda, estava uma equipa de televisão e vários fotógrafos de jornais locais. Eu tinha estabelecido vários contactos para poder ter acesso à entrada da mina e, por alguma razão, a câmara local tinha-se envolvido nesse processo. Sem que eu tivesse conhecimento, tinham convidado a imprensa local. A equipa de televisão e os jornalistas só queriam uma coisa: que eu e o Sr. Sato nos abraçássemos, numa imagem de perdão, de compreensão, de cura pelo tempo. Isso seria, eu sabia-o bem, uma mentira. Não me cabia a mim perdoar.

O tempo cura as feridas? Não, o tempo nem sempre cura. O tempo deixa cicatrizes. A mão enluvada do Sr. Sato estava erguida, a apontar, o mundo frio lá em baixo dividido ao meio por um fio descosido.

6

Umás horas antes, tinha-me encontrado com uns aldeãos idosos que tinham sido crianças durante a guerra. Não fora minha vontade encontrar-me com eles. Sentia-me — como dizê-lo? — envergonhado. Vergonha talvez por o meu regresso poder ser interpretado como vingança, ou raiva. Nem eu sabia o que significava esse meu regresso. Eles eram crianças e eu ainda nem sequer existia. Em suma, não me sentia à altura deles e das suas vidas. Por alguma razão, talvez sentisse vergonha de, enquanto filho do meu pai, presumir que a história dele e deles também pudesse ser minha. Receava ser visto como um fantasma indesejável, um espectro a analisar a cena de um crime por resolver e no qual tinha estado implicado. Mas o fantasma de quem? — do assassinado, do assassino ou da testemunha, ou dos três?

Por se tratar de algo organizado por terceiros, não sabia como o cancelar sem ofender ninguém. Os aldeãos idosos eram gente

simpática e afetuosa. Ao contarem as histórias das privações por que tinham passado em tempo de guerra, enquanto filhos dos camponeses pobres, recordaram a dissonância entre o que dizia o mundo adulto e aquilo que eles viam com os seus olhos de criança, e uma irreverência infantil apoderou-se dessas vozes antigas e rostos envelhecidos. Lembravam-se do momento, em finais de 1944, em que os prisioneiros de guerra tinham desembarcado, que os demónios que durante tanto tempo tinham aprendido a temer não eram mais do que esqueletos miseráveis e praticamente despidos. Além da crueldade dos guardas japoneses, o meu pai tinha falado também sobre a generosidade dos mineiros japoneses, alguns dos quais talvez tivessem sido pais destes aldeãos idosos, que costumavam partilhar os seus parques alimentos com os famintos prisioneiros de guerra.

7

Quando acabei a escola, fui trabalhar como homem da corrente, o nome que se dá a um ajudante de agrimensor, uma profissão com vários séculos e que viria a desaparecer uns anos depois com o advento da tecnologia digital. O homem da corrente era responsável por arrastar a corrente com vinte metros de comprimento e cem elos de metal com a qual se media o mundo. No meu tempo, a corrente de medir era uma fita de metal fina com cinquenta metros de comprimento, mas, de resto, pouco diferia daquela usada no século anterior. O homem da corrente continuava a andar com uma catana e um machado para desbastar arbustos e árvores das linhas de marcação, e uma pedra de amolar e uma lima para manter ambos afiados. Aprendi a identificar vestígios de medições de há muitas décadas — marcos de pedra tombados, estacas apodrecidas, ou a forma de uma vulva na casca dos eucaliptos antigos. Servindo-me do machado, desbastava com cuidado a casca até revelar uma cavidade profunda em forma de pris-

ma, habilmente talhada no tronco da árvore muitos anos antes, às vezes há mais de um século. O ápice do prisma invertido era o ponto de medição.

Contemplava a maravilha que era essa ferida inalterada, tal e qual como no dia em que tinha sido talhada por outro machado. O tempo não curara a árvore, só lhe deixara uma cicatriz, disfarçando algo que continuava a acontecer. Pois por baixo da cicatriz, a ferida persistia, um portal para o passado sangrando seiva fresca para o presente, e no qual, se o fitasse demasiado tempo, eu próprio me sentia a cair.

Estar ali espicado, naquele dia, diante da equipa de televisão japonesa com a sua jovem repórter, o punhado de fotógrafos locais e jornalistas enfadados decidido a obter a única história que fazia sentido para poder ir-se embora, foi um momento semelhante de velocidade acelerada. Não tinha vontade nenhuma de abraçar o Sr. Sato. Talvez ele sentisse o mesmo em relação a mim. Mas como não queria causar embaraço a ele ou a quem quer que fosse, pus o braço à volta dos seus ombros e ele retribuiu o gesto. Todos pareceram ficar satisfeitos.

Quando as fotografias e as filmagens foram dadas por concluídas, baixei o braço. O Sr. Sato continuou agarrado a mim. Quando fui para me libertar, a sua cabeça pareceu deitar-se no meu peito. E assim nos deixámos ficar.

Talvez também ele estivesse a cair num qualquer vazio infinito, ou talvez tivesse sido apenas do frio. Eu não fazia ideia. Não posso dizer que me tenha agradado que me tivesse agarrado daquela maneira, aquele homem que em tempos poderá ter espancado o meu pai, mas também não sabia como me libertar dele, privá-lo do conforto acolhedor do meu corpo.

Pensei no sofrimento do Sr. Sato por causa da filha com deficiência, e em como no fim da sua vida estava a receber o castigo devido. Depois senti-me embaraçado por pensar tal coisa, ciente de que subjacente a esse pensamento existia outro que eu não queria admitir. Desviei o olhar para as árvores, os seus esqueletos

tristes e desfolhados; a terra fria e negligenciada que as rodeava, a abundância de vegetação e ervas daninhas com um aspeto miserável e perdido. Ali, toda a natureza parecia exausta e desordenada, e de alguma maneira eu fazia parte dela. Lá em baixo, ouvia-se o vaivém das ondas ao longo da costa rochosa, como sempre tinha feito e sempre faria, uma espécie de efeito concertina atravessando crimes e pecados, amores e paixões dos que tiveram passagem por este triste país. Toda a minha viagem me parecia tão incompreensível como aquele som dos rochedos embalados no oblívio.

Teria eu feito o mesmo se estivesse no lugar do Sr. Sato? E quando tentei afastar essa pergunta da mente, outra tomou o seu lugar. Se o Sr. Sato, que aparentava ser um homem decente, fora capaz de desempenhar o papel de guarda, de praticar o mal ou de assistir impávido à prática do mal, teria eu sido diferente? Teria eu também espancado os prisioneiros, não obstante não o querer fazer, ordenaria eu também que um homem morresse congelado permanecendo de joelhos sob a neve que caía, porque era o esperado de mim, porque era demasiado complicado recusar? Ou desviaria o olhar e escolheria não o ajudar? Então perdi o fio aos meus pensamentos. O dia estava a chegar ao fim. Pensei no prisioneiro obrigado a ficar de joelhos todo nu à neve e durante toda a noite, uma história que causara sempre uma tristeza indescritível ao meu pai de tão desnecessária. Faria eu o mesmo? De repente, odiei o abraço do Sr. Sato e odiei o Sr. Sato com todo o meu ser, enquanto ele continuava encostado a mim. Um vento frio soprou momentaneamente e depois cessou. Então ficou ainda mais frio, o mar continuou o seu vaivém, já não dávamos pela presença um do outro, e ocorreu-me que nenhum de nós tinha ideia do que o outro estaria a pensar ou a sentir, como ali parados poderíamos ter sido confundidos com irmãos ou amantes.

Deixámo-nos ficar durante muito tempo, enquanto os jornalistas e a equipa de televisão se retiravam, enquanto nuvens escuras se apressavam a reunir por cima de nós, para logo estremecerem

em obscura reprovação e se dispersarem rapidamente na sua desilusão, enquanto o Mar Interior me mostrava apenas o reflexo do seu próprio mistério. O que tinha acontecido? Até hoje continuo sem saber. Não existe porquê.

8

Será por vermos o nosso mundo somente de uma maneira obscura que nos rodeamos de mentiras a que chamamos tempo, história, realidade, memória, pormenores, factos? E se o tempo fosse composto por muitos tempos e nós também? E se descobríssemos que começamos amanhã e morremos ontem, que nascemos da morte dos outros e que o sopro de vida nos é dado por meio das histórias que inventamos a partir de canções, colagens de piadas e adivinhas e outros fragmentos?

O meu pai costumava contar uma piada sobre um dos seus companheiros no campo de prisioneiros que dizia ter visto o clarão da bomba atômica alumiar o céu noturno por cima do campo deles como se fosse dia.

A bomba atômica que caiu em Hiroxima detonou às 8h16 da manhã. O passado é sempre visto com mais clareza por quem nunca o viu.

9

Quando Thomas Ferebee acionou a alavanca por cima de Hiroxima, o meu pai tinha sobrevivido, sabe-se lá como, a mais de três anos num campo de prisioneiros japoneses. Tinha sobrevivido, sabe-se lá como, a Changi e à Ferrovia da Morte. Tinha sobrevivido, sabe-se lá como, aos chamados «Navios do Inferno», que no outono de 1944 acolheram os sobreviventes da Ferrovia da Morte, apinhados em carcaças de navios sem superestruturas

nem condições de navegabilidade. Amontoados no interior de porões ferrugentos, homens seminus enfrentaram tufões, torpedos de submarinos norte-americanos e rajadas de metralhadora de aviões norte-americanos. Quando por fim desembarcaram na ilha de Honshu, já o sonho de um império japonês tinha dado lugar à perspectiva iminente de uma invasão do próprio Japão e ao que o regime militar japonês agora exigia em resposta: o suicídio coletivo de cem milhões de japoneses, uma nação reiventada como culto da morte.

Quando a invasão acontecesse, a população civil japonesa deveria defender a pátria com a própria vida. Em Okinawa, a única ilha japonesa a ser invadida, estima-se que tenham morrido cento e cinquenta mil civis. Os suicídios em massa de civis eram comuns, uns voluntários e muitos coagidos sob a mira das armas de soldados japoneses. Em alguns casos, filhos mataram os próprios pais quando estes mostraram insuficiente entusiasmo perante a perspectiva da morte e, noutros casos, pais mataram os próprios filhos.¹ Quando as vidas dos japoneses comuns valiam tão pouco aos olhos dos seus próprios líderes, não é de admirar que as dos seus inimigos não valessem absolutamente nada: no início da invasão, os Japoneses estavam dispostos a massacrar os trinta e dois mil trabalhadores forçados prisioneiros de guerra no Japão.

Os Americanos planeavam começar o assalto final ao Japão com a invasão da ilha de Kyushu a 1 de novembro de 1945, seguida da invasão de Honshu em março de 1946. Muito provavelmente por essa altura o meu pai já estaria morto, mas caso ainda estivesse vivo, teria sido assassinado. Se, de alguma maneira, tivesse escapado a esse destino — embora seja difícil imaginar que tal coisa pudesse ser possível —, duvidava ser capaz de resistir a mais um rigoroso inverno.

1 Yuki Kitazawa e Matthew Allen, «A Story That Won't Fade Away: Compulsory Mass Suicide in the Battle of Okinawa», *Asia-Pacific Journal*, Vol. 5, Edição n.º 7, 12 de julho de 2007; ver também *Japan at War: An Oral History*, de Haruko Taya Cook e Theodore F. Cook (Nova Iorque, 1992), páginas 354–72. (N. A.)